

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA QUINTEIRÁ
Professor do Ensino Secundário

DUAS PEÇAS DE VIDRADO VERDE ACHADAS EM CONIMBRIGA
«Conimbriga», XXIII (1984), p. 103-110

RESUMO: Estudam-se um *skyphos* e um tinteiro de cerâmica de vidro verde encontrados em escavações antigas de Conimbriga e praticamente inéditas, visto que haviam apenas sido referidos de maneira breve por H. Comfort. Um resumo de investigação sobre a tecnologia e os centros de produção deste tipo de cerâmica completa o artigo.

RÉSUMÉ: Les deux pièces à glaçure plombifère étudiées dans cet article avaient été notées par Comfort, en 1961. La brièveté de cette référence justifie la publication de ce *skyphos* et de cet encrier, dont les profils n'avaient pas été illustrés par Comfort. Un résumé des recherches sur la technologie et les centres de production de la céramique à glaçure plombifère complète l'article. Les deux pièces proviennent de fouilles anciennes à Conimbriga.

(Página deixada propositadamente em branco)

DUAS PEÇAS DE VIDRADO VERDE ACHADAS EM CONIMBRIGA

Apesar das inúmeras escavações realizadas em Portugal, em estações arqueológicas lusitano-romanas, e do grande espólio ceramológico recolhido e já estudado (desde as cerâmicas de tradição local às importadas), as cerâmicas romanas de vidro verde são, relativamente àquelas, em número bastante reduzido mas nem por isso de menor importância.

De Conimbriga, estação arqueológica onde até agora foram recolhidos mais exemplares deste tipo de cerâmica, encontram-se publicados por Jorge Alarcão (x), cinco *skyphoi* e um pote (fragmentos) e referidos por H. Comfort (2), um *skyphos* e um tinteiro, cujo estudo será complementado neste trabalho.

A peça n.º 1, *skyphos*, com um diâmetro de 80 mm, foi encontrada sob o mosaico do peristilo da «casa dos repuxos». Apesar de estar bastante fragmentada, é possível reconstituir o seu perfil, * III

fi) JORGE ALARCÃO, «Céramique à glaçure plombifère» in *Fouilles de Conimbriga*, vol. VI, cap. III, Paris, 1976, p. 39-42. A leitura deste trabalho é bastante importante porquanto, para além da síntese que faz sobre a problemática deste tipo de cerâmica (origem, difusão, centros de produção, tipologia e cronologia), cita também uma vasta bibliografia sobre o tema.

(2) H. COMFORT, *Roman ceramics in Spain: an exploratory visit*, «Archivo Español de Arqueología», XXXIII, 1961, p. 13. Estas peças foram também citadas por MARIA ADELAIDE GARCIA PEREIRA, *Fragmento de vaso vidrado a verde da estação romana de Tróia [Setúbal]*, «O Arqueólogo Português», III série, V, Lisboa, 1971, p. 146, nota 2; JORGE ALARCÃO, *Une coupe à fond d'or découverte à Farrobo, Portugal*, «Journal of Glass Studies», X, 1968, p. 74-75; MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA, *O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer)*, «Conimbriga», IX, Coimbra, 1970, p. 49-54.

podendo ser englobada, tipologicamente, no tipo n.º 2 descrito por Jorge Alarcão (3), forma intermédia com copa quase cilíndrica assente em pé baixo.

Moldada numa pasta rosada e bastante fina, esta peça teria duas asas em forma de argola encimadas por uma superfície plana, muito semelhantes às dos *skyphoi* publicados por Maria Amélia Horta Pereira (4) e M. Ribas Bertrán (5). A decoração, num relevo muito nítido, atesta uma boa moldagem e o cuidado empregue no seu fabrico.

Recoberta por um vidro verde-oliva na face exterior e apresentando algumas irisações metálicas (cor de chumbo) junto ao bordo e reentrâncias dos motivos decorativos, o vidro da face interior contrasta com aquele, apresentando-se melhor conservado e adquirindo uma tonalidade amarelada-torrada.

O vidro teria sido aplicado mergulhando nele a peça de bordo para baixo; o *skyphos* terá sido posto a cozer na mesma posição; a concentração do vidro junto ao bordo e nas reentrâncias inferiores dos motivos decorativos, bem assim como a sua quase ausência no fundo externo (pé), devido à escorrência, são factos que levam a admitir esta hipótese.

Toda a copa é decorada com motivos vegetais — ramos de romãzeira com romãs. De cada asa partem dois ramos de três folhas alternadas com romãs, terminando os mesmos com três destes frutos. A parte superior da copa seria, portanto, ornamentada com quatro ramos, o mesmo devendo suceder com a parte inferior.

A esta peça teria sido aplicado, antes do vidro, um banho de engobe, pois no pé, sob o vidro, notam-se vestígios de uma pequena camada esbranquiçada.

A peça n.º 2 pertence a uma forma fechada, fragmento da parte superior de um tinteiro, de paredes relativamente finas e pasta rosada. O vidro, mal conservado, apresenta uma tonalidade verde-amarelada com brilho metálico. Na face interna, e uma

(3) JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, Paris, 1976.

(4) MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA, *op. cit.*, est. II, fig. 3.

(5) M. RIBAS BERTRÁN, *Cerámica vidriada romana en* , «Pyrenae», I, 1965, fig. 3.

vez que se trata de urna forma fechada, não existe vidro, excepto junto à boca do tinteiro, devido à escorrência do mesmo. Diâmetro 80 mm.

Um minucioso estudo comparativo Jeva-nos a admitir a hipótese de estas duas peças terem a mesma origem e o mesmo horizonte cronológico das publicadas por Jorge Alarcão (6).

Estas cerâmicas caracterizam-se pela sua pasta clara, branca ou quase branca e bastante fina⁽⁷⁾, apresentando-se, também, por vezes, acinzentada, rosada ou beije. Estas variações ligeiras da coloração das pastas devem-se não só aos diferentes centros de produção, como também à cozedura ou ainda às diferentes percentagens dos componentes das argilas. As paredes são, geralmente, finas e bastante fortes (8), se bem que oficinas houve que produziram cerâmicas de paredes relativamente espessas (9). Estas estão cobertas, numa ou em ambas as faces, por um vidro de base verde, cuja coloração pode passar por várias tonalidades — verde malaquite (10), verde-oliva (n), castanho-esverdeado ou mesmo amarelo-torrado (12). O tom amarelado, ou variantes destes, surge com mais frequência no vidro da face interna das paredes destes vasos. Segundo M. Ribas Bertrán (13), as diferenças de coloração verificadas no vidro podem dever-se a defeitos vários verificados no processo de fabrico: cozedura insuficiente; atmosfera do forno impregnada de fumos; impureza nos ingredientes; desigualdade de temperatura; uma maior percentagem de sulfato de chumbo ou qualquer outro motivo.

(6) JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, Paris, 1976.

(7) MARIA AMÉLIA H. PEREIRA, *op. cit.*, p. 49.

(8) M. RIBAS BERTRÁN, *op. cit.*, p. 163.

(9) É o caso, por exemplo, da oficina de Saint-Remy-en-Rollat.

(10) Na Renânia encontraram-se cerâmicas com vidro desta tonalidade.

(n) As fabricadas em Lezoux (Gália Central).

(12) É o caso, por exemplo, das peças fabricadas na oficina de Saint-Remy-en-Rollat ou ainda do vaso de Tróia (Setúbal) estudado por Maria Adelaide G. Pereira.

(13) M. RIBAS BERTRÁN, *op. cit.*, p. 158.

Não apresentam estas cerâmicas formas exclusivamente suas. Imitando frequentemente a «sigülata», a sua principal fonte de inspiração deve, porém, buscar-se nos vasos de prata gregos, com uma maior incidência nos *skyphoi*. Charleston ⁽¹⁴⁾ afirma ser o *skyphos* a forma mais comum, seguindo-se-lhe os jarros com duas asas, taças com pé, tinteiros e pequenas jarras. Ribas Bertrán ⁽¹⁵⁾ cita também as lucernas, elaborando ao mesmo tempo um inventário de formas surgidas na Península Ibérica. Jorge Alarcão ⁽¹⁶⁾, além de afirmar ser o *skyphos* a forma mais comum, apresenta ainda três variantes deste: uma forma alta de copa ovoide; uma intermediária com copa quase cilíndrica e, por último, uma forma baixa com copa hemisférica ⁽¹⁷⁾.

No que respeita à decoração, esta pode ser moldada, aplicada ou em barbotina ⁽¹⁸⁾. Quanto aos motivos decorativos, os mais comuns são a representação de vegetais ⁽¹⁹⁾, seguindo-se a de figuras geométricas e, mais rara, a de figuras humanas ⁽²⁰⁾.

Quanto ao aspecto cronológico, e tendo em consideração os achados recolhidos no que foi o grande Império Romano, pode afirmar-se que já existiam nos finais do séc. I a.C. e que tiveram, pelo menos, uma duração de quatro séculos.

A raridade destas cerâmicas em todo o Império deve-se ao facto, talvez, do seu elevado custo e do moroso processo de fabrico, uma vez que este requeria uma técnica bastante apurada ⁽²¹⁾.

⁽¹⁴⁾ CHARLESTON, *Roman Pottery*, London, 1955, p. 15.

⁽¹⁵⁾ M. RIBAS BERTRÁN, *op. cit.*, p. 168-171.

⁽¹⁶⁾ JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, 1976, p. 41.

⁽¹⁷⁾ HELLSTRÖM, *Labraunda*, pi. 36, p. 261-262.

⁽¹⁸⁾ Os vasos com este tipo de decoração surgem geralmente em contextos do séc. I.

⁽¹⁹⁾ JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, 1976, p. 40.

⁽²⁰⁾ O *skyphos* de Paredes (Alenquer) representa uma alegoria dionisiaca, com dois efebos nus e de pé.

⁽²¹⁾ Sobre o processo de fabrico consultar:— TOLL, «The green glazed pottery», in *The excavations at Dura-Europos. Final Report*, part I, fase. 1, 1943, p. 1-4; CHARLESTON, *op. cit.*, p. 24; F. F. JONES, *Rhosica vasa*, «American Journal of Archaeology», 1945, p. 47; JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, 1976; M. RIBAS BERTRÁN, *op. cit.*, p. 159.

Pela análise dos achados, chegou-se à conclusão de que poderiam ser feitos em molde — segundo o processo de fabrico das «terra sigillata» — ou ao torno. Na sua confecção empregava-se uma argila bastante fina e as peças, depois de secas, eram sujeitas a uma dupla cozedura. A primeira tinha por finalidade torná-las mais consistentes e prepará-las para o «banho de vidro» que é, afinal, a sua principal característica. Porém, e antes da aplicação deste, as peças eram mergulhadas num leite de argila branca cuja finalidade era a de fazer sobressair, mais tarde, o brilho do vidro. Este era preparado com sulfato de chumbo ⁽²²⁾, obtido a partir do tratamento da galena — o que dava uma tonalidade amarelada-torrada às peças — adicionando-se-lhe sais de cobre — para o tom verde — e uma pequena quantidade de areia como fundente. Como estes elementos fundem a uma temperatura relativamente baixa, fácil era mergulhar nele as peças que se pretendia vidrar. Uma vez retiradas do «banho de chumbo», deixavam-se secar e eram então submetidas a uma segunda cozedura. A exposição a esta segunda cozedura não podia ser muito prolongada para não haver o perigo de uma escorrência do «banho de chumbo» e, naturalmente, evitar a concentração do vidro em determinadas partes dos vasos. Finda esta operação, os vasos apresentavam-se vitrificados, com as tonalidades já anteriormente referidas, e prontos a entrar no mercado.

Oferece ainda grandes dúvidas a origem desta técnica ⁽²³⁾. Sabe-se, no entanto, que começou a ser usada em grande escala no Próximo-Oriente a partir do século i a.G. Aqui identificaram-se, até agora, os seguintes centros de produção:—Tarsus (que teria sido um dos centros mais produtivos desta cerâmica e onde foram recolhidos fragmentos de moldes para a confecção de *skyphoi*)\

⁽²²⁾ Um dos perigos do fabrico destas cerâmicas era o envenenamento dos oleiros pelo chumbo.

⁽²³⁾ COURBY, *Les vases grecs à reliefs*, Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, n.º 125, p. 449 e segs. Atribui a origem desta técnica ao Egipto, remontando aos tempos pré-históricos. Daqui teria irradiado para Susa, Síria e Pérsia. JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, 1976, p. 39, afirma, por sua vez, derivar «provavelmente da indústria da Mesopotâmia, onde foram recolhidos fragmentos datados do ano 1000 a.G.».

Notion; Tschandarli, perto de Pérgamo (oferece ainda dúvidas pois os fragmentos não são em número suficiente para demonstrarem uma produção local); Antioquia; Dura Europos (mais antigo que Tarsus e Antioquia) e na Gália (não estão ainda identificadas as localidades).

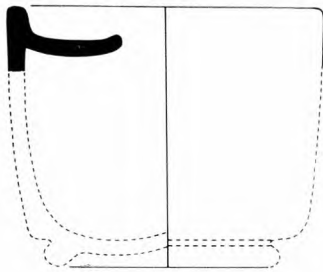
Quanto aos centros de produção no Ocidente ⁽²⁴⁾, embora ainda não haja um estudo aprofundado sobre este tema, sabe-se terem existido na Itália (ignora-se, por enquanto, a localização exacta dos centros de fabrico); Gália, mais concretamente em Saint-Remy-en-Rollat; Vichy (onde se encontrou um número relativamente elevado de fornos); Gannat e Lezoux; Renânia; Germânia⁽²⁵⁾; Camulodunum (Colchester); Richborough (Kent) e Holt (Denbingshire).

⁽²⁴⁾ JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, 1976, p. 39.

⁽²⁵⁾ JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, 1976, p. 40.



1



2